

NOÇÕES DE TEXTO E DE DISCURSO NA FORMAÇÃO DA COMPETÊNCIA LEITORA NO ENSINO SUPERIOR

Sayonara Maria Abreu Borges¹
Profa. Dra. Aucelia Vieira Ramos²

RESUMO

O presente artigo realizou uma pesquisa sobre um tema que é considerado importante até os dias atuais por todos os estudiosos da área da Linguística, em especial, os estudiosos da Linguística Textual, assim, buscamos compreender quais as noções de texto e de discurso os alunos do curso de Letras-Português da Universidade Federal do Piauí possuem e como elas podem facilitar ou não o desenvolvimento da competência leitora deles. Deste modo, o objetivo geral dessa pesquisa é apresentar a noção de texto e de discurso que os alunos do ensino superior possuem. A pesquisa foi realizada por meio de um estudo bibliográfico, explicativo somados a uma pesquisa de campo, por meio de questionários aplicados aos alunos iniciantes e concluintes do curso de Letras-Português, da UFPI, em junção com um diálogo entre os autores e as teorias abordadas dentro dos estudos da Linguística Textual, por isso, nela, são relacionados conceitos advindos de autores diferentes como Bakhtin (2000), Koch (2003), Bentes (2007), dentre outros, que consideram o texto como um evento comunicativo que acontece por meio da interação entre os falantes. Além disso, fundamenta-se também nos estudos do autor Mangueneau (2015), visto que se adota a concepção de discurso proveniente das noções de texto e discurso que são consideradas Análise do Discurso Francesa (AD), na qual o discurso existente é formado a partir de outros discursos que já foram enunciados, de acordo com o contexto em que foi realizado. Por fim, esperamos que os alunos possuam noções acerca de texto e discurso consideradas de acordo com a concepção interacionista da linguagem, pois é através dela que a competência leitora desses será formada com êxito, visto que levando em conta a interação autor-texto-leitor os conhecimentos serão mais bem fundamentados e adquiridos.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Textual. Texto. Discurso. Ensino Superior. Competência Leitora.

ABSTRACT:

This article carried out a research on a topic that is considered very important until the present day by all scholars in the area of Linguistics, in particular, scholars of Textual Linguistics, thus, we seek to understand which notions of text and discourse students from the Letters-Portuguese course at the Federal University of Piauí have and how they can facilitate or not the development of their reading competence. In this way, the general objective of this research is to present the notion of text and discourse that higher education. The research was carried out through a bibliographic, explanatory study added to a field research, through questionnaires applied to beginning and concluding students of the Letters-Portuguese course, at UFPI, in

conjunction with a dialogue between the authors and the theories addressed within the studies of textual linguistics, therefore, in it, concepts arising from different authors such as Bakhtin (2000), Koch (2003), Bentes (2007), among others, are related, who consider the text as an event communication that takes place through interaction between speakers. In addition, it is also based on the studies of the author Maingueneau (2015), since it adopts the conception of discourse from the notions of text and discourse that are considered French Discourse Analysis (DA), in which the existing discourse is formed from other speeches that have already been enunciated, according to the context in which it was carried out. Finally, we hope that students have notions about text and discourse considered in accordance with the interactionist conception of language, as it is through it that their reading competence will be successfully formed, since taking into account the author-text-reader interaction knowledge will be better grounded and acquired.

KEYWORDS: Textual Linguistics. Text. Speech. Higher education. Reading Competence.

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que a leitura é um processo de compreensão e interpretação de alguma informação ou dado que foi aprendido ou armazenado pela memória, e a competência leitora está ligada ao processo de leitura justamente pelo fato do indivíduo, que possuindo um bom domínio dela, desenvolver a compreensão e entendimento da informação sem que seja apenas uma decodificação realizada por ele.

A leitura está presente na formação dos indivíduos, seja na aprendizagem sistematizada realizada nos espaços escolares, seja em outros ambientes. Assim, o ambiente universitário é amplo e comporta muitos indivíduos que buscam a conclusão do seu Ensino Superior. Esse cenário exige o desenvolvimento de diversas habilidades e competências que devem ser utilizadas e desenvolvidas ao longo do percurso acadêmico, para que assim o seu processo de estudos e pesquisas da graduação seja atingindo com êxito e, portanto, sua formação seja acertada e tranquila.

Deste modo, é importante ressaltar que o aluno deve ter internalizado na sua enciclopédia pessoal as noções de texto e de discurso bem definidas, já que serão pontos importantes para a formação da sua competência leitora e, conseqüentemente, da sua formação acadêmica, visto que, através destas duas noções, esse irá conseguir entender o texto de maneira sociocognitiva e interacional que se organiza de modo a estabelecer e gerar sentidos, ou seja, adequando-se a determinadas situações de comunicação de forma coerente, dialogando com os vários discursos. Diante desse pressuposto, questionamos: quais noções de texto e de discurso

possuem os alunos do ensino superior, e como a falta dessas noções pode dificultar a formação da competência leitora deles?

Tendo em vista esse problema do conhecimento das noções de texto e discurso na formação leitora por parte dos alunos, e para oportunizarmos um estudo mais detalhado acerca da dificuldade da formação da competência leitora deles, elencamos como objetivo geral desta pesquisa: compreender quais as noções de texto e de discurso os alunos possuem e como elas podem facilitar ou não o desenvolvimento da competência leitora deles, por meio dos objetivos específicos: apresentar as noções de texto e discurso dos alunos; investigar quais fatores relacionados à noção de texto e discurso podem evidenciar as dificuldades da compreensão leitora; identificar as estratégias utilizadas pelos professores nas atividades realizadas para desenvolver a competência leitora dos alunos.

Para que houvesse uma reflexão mais profunda sobre este problema, utilizamos como base as noções advindas da Análise de Discurso Francesa (AD), de interdiscurso (memória discursiva) e intradiscurso (formulação do sentido); visto que, para essa teoria, os discursos estão sempre em relação com os outros, os que já vieram e os que virão.

Com isso, a pesquisa voltou-se para a área de estudos linguísticos, sendo de cunho bibliográfico e enquadrada numa pesquisa de campo, na qual foi feito um estudo, por meio do diálogo entre autores que falam sobre as noções de texto e discurso, as concepções de língua e a forma de construção dos sentidos a elas associadas, ao qual se somou a realização de entrevistas por meio de formulários que evidenciaram as dificuldades ou não na formação da competência leitora dos alunos. A pesquisa é de caráter qualitativa, uma vez que se buscou as causas desse problema, a partir da interpretação e explicação dos formulários aplicados, bem como da identificação dos fatores responsáveis por essa formação. Os autores utilizados para a fundamentação da pesquisa foram: Bakhtin (2000), Bentes (2007), Koch (2003), Maingueneau (2015), entre outros.

Esta pesquisa destina-se a todas as pessoas que apresentam ou se identificam com a formação da competência leitora e se voltam para ela, sejam alunos do Ensino Superior ou Ensino Médio, sejam professores ou profissionais da área dos estudos linguísticos, tendo em vista que irá contribuir de maneira positiva para o amadurecimento dos conhecimentos a respeito dela e mais especificamente das possíveis dificuldades de formação dessa competência que podem estar ligadas aos fatores de uma noção de texto como um produto pronto, ligada à concepção de língua estrutural e de um sujeito passivo, sem que se leve em consideração os discursos envolvidos.

Por fim, a pesquisa divide-se em seis seções, sendo a primeira seção a introdução, a segunda fundamentação teórica, a terceira concepções de língua, sujeito, texto e noção de discurso, a quarta seção diz respeito a metodologia, a quinta é a parte da análise, a sexta apresenta as considerações finais e, enfim, as referências.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção está dividida em três subseções. A primeira discute sobre o histórico da Linguística textual, em que faz um percurso histórico desde o início do seu surgimento até a última fase dos estudos, em seguida, é apresentado os tópicos sobre as concepções de língua, sujeito e texto, visto que as três concepções são fundamentais para o entendimento da noção de discurso, pois é por meio delas que os estudos sobre o discurso se tornaram mais objetivos e a linha de pesquisa se ampliou.

2.1 Histórico da Linguística Textual

A Linguística Textual (LT) surgiu na década de 70, na Alemanha. Nesta época, houve grandes acontecimentos e descobertas dentro dos estudos linguísticos, inclusive desta nova teoria que estava surgindo e que se colocava em oposição à teoria da linguística estrutural de Saussure. Ela nunca foi uma disciplina considerada homogênea e única, e isso diz respeito ao fato de que ela possui grandes momentos vividos dentro dos seus estudos que marcaram o seu percurso e ampliaram o seu objeto de estudo. Estes podem ser divididos em três fases: a análise transfrástica, a gramática textual e a teoria do texto.

Dentro da análise transfrástica, o texto ainda não é considerado um objeto de análise e os seus estudos eram realizados apenas se utilizando as frases e os períodos isoladamente, observando quais relações de sentidos havia entre eles, mesmo que, muitas das vezes, essas relações não conseguissem ser explicadas por algumas teorias, como afirma Oliveira (2007):

A preocupação dos estudiosos era com[...] fenômenos que não conseguiam ser explicados pelas teorias sintáticas e/ou pelas teorias semânticas, tais como: o fenômeno da co-referenciação, a pronominalização, a seleção de artigos, a concordância dos tempos verbais, a relação tópico-comentário e outros. (OLIVEIRA, 2007, p. 13)

Além disso, os estudiosos observaram que nem todas as frases ou os períodos continham estes fenômenos supracitados, o que na maioria das vezes tornava necessário que o leitor/ouvinte viesse a estabelecer o sentido global da frase e construísse mentalmente as relações argumentativas entre os enunciados. Isso fez com que surgisse uma nova linha de pesquisa denominada gramáticas textuais, que não levasse em consideração o texto apenas como significado das frases presentes nele.

Na elaboração das gramáticas textuais, o texto é tido como o objeto central da Linguística e também é considerado como um sistema uniforme, estável e abstrato. Nessa fase, os autores consideravam que entre uma frase e um texto há uma diferença de sentidos, em que o texto é considerado como um todo e a frase é apenas uma parte menor, como aponta Bentes (2007):

Consideram que o texto é a unidade linguística mais elevada, a partir da qual seria possível chegar, por meio de segmentação, a unidades menores a serem classificadas. (BENTES, 2007, p. 249)

E esta segmentação deveria levar em consideração a função textual que permeia cada elemento individualmente. Além disso, os estudiosos desta linha também levam em consideração que todos os falantes, sendo nativos, conseguem entender o que é um texto e conseguem fazer uma distinção dele quando se deparam com um conjunto de enunciados que o formam, ou quando existe apenas um conjunto de palavras soltas ou aleatórias que não compreende a um. Este conjunto de regras é responsável por formar a competência leitora de cada indivíduo e diz respeito também à capacidade que eles possuem de parafrasear ou resumir um texto, observar se ele está completo, escrever outros a partir daquele e estabelecer relações entre as partes. Dessa forma, o falante possuiria três capacidades textuais:

Capacidade formativa: que lhe permite produzir e compreender um número potencialmente elevado e ilimitado de textos inéditos e que também lhe possibilita [...] a boa ou má-formação de um texto dado; Capacidade transformativa: que o torna capaz de reformular, parafrasear e resumir um texto dado [...]; Capacidade qualificativa: que lhe confere a possibilidade de tipificar [...] um texto dado [...] (CHAROLLES, 1989, p. 250)

Com isso, este sistema da gramática textual seria um sistema limitado de regras, dotado de uma estrutura interna que seria conhecido por todos os falantes nativos da língua e que lhes permitiriam verificar se o texto é ou não um texto. Além disso, esta linha de pesquisa traz uma

divisão entre a noção de texto e discurso, o que se torna inviável, já que o texto só passará a ser entendido quando for utilizado dentro de uma situação de interação real.

Levando em consideração a ideia de que o texto deve ser compreendido dentro de uma situação real de uso, surgiu a terceira fase da LT, a teoria do texto, que, diferentemente das gramáticas textuais (que buscavam explicar a competência textual de cada falante), passa agora a discutir sobre o funcionamento, a constituição, a compreensão e produção dos textos em uso dentro de determinados contextos comunicativos reais. Nessa fase, têm-se a junção entre texto e discurso.

É a partir deste ideal que o texto passa a ser visto dentro do campo pragmático, no qual é considerado não só o que está escrito, mas também o contexto em que ele está inserido e as suas condições de produção. Estas mudanças, que ocorreram durante todo percurso da linguística textual (a concepção de texto que agora é entendida como sendo um processo e não um produto; a concepção de língua não mais como um sistema formal e limitado a regras, mas como um sistema atual de uso dentro de contextos sociocomunicativos), fizeram com que ela fosse compreendida como uma disciplina interdisciplinar, como afirma Marcuschi (1998, p. 252), “uma disciplina de caráter multidisciplinar, dinâmica, funcional e processual, considerando a língua como não-autônoma nem sob seu aspecto formal.” Por fim, a LT no Brasil tem o seu início na década de 80, cujo momento foi marcado por alguns trabalhos de pesquisadores que se interessaram por estudar a área e se aprofundar sobre o seu objeto de estudo. Dentre eles, destacam-se: Prof. Dr. Ignácio Antônio Neis, com o seu trabalho intitulado *Por uma gramática textual* (1981), Luiz Antônio Marcuschi com o seu trabalho *Linguística de texto* (1983) e as autoras Leonor Lopes Fávero e Ingedore Villaça Koch com a *Linguística textual* (1983).

Todos esses pesquisadores tiveram influências dos autores europeus e tratavam das três fases vividas pela LT. Hoje, por causa dela, é que se tem conceitos mais globais da definição do que é um texto, bem como dos gêneros textuais, gêneros do discurso e tipos de suportes dos gêneros textuais.

3 CONCEPÇÕES DE LÍNGUA, SUJEITO, TEXTO E NOÇÃO DE DISCURSO

3.1 Concepções de língua e sujeito

Para que haja uma maior contextualização do objeto de pesquisa deste trabalho, torna-se importante ter conhecimento da teoria de base e de alguns conceitos fundamentais para o

entendimento da noção de texto e discurso que permeiam os estudos dos alunos do Ensino Superior. Com base neste propósito, serão apresentadas as concepções de língua, sujeito, texto e discurso, sendo importante ressaltar que de acordo com a concepção de língua que for adotada as outras concepções (sujeito, texto) poderão variar.

De modo geral, têm-se discutido muito acerca das concepções de língua que estão presente nos estudos das áreas linguísticas e que perpassam o percurso histórico da humanidade. Estas concepções dividem-se em três: a língua como expressão do pensamento, a língua como instrumento de comunicação e a língua como forma de interação.

A língua como expressão do pensamento está voltada para um ato individual, em que o falante se voltará a enunciar o discurso que foi programado na sua mente. Aqui, a língua é considerada como um espelho do pensamento do indivíduo e torna-se um sistema sem interferência social e que possui normas imutáveis. O sujeito constituído a partir desta concepção de língua é o psicológico, dono absoluto das suas vontades e das ações que realiza, já o ouvinte/receptor tem a função apenas de captar o que foi expresso, como afirma Koch (2003):

[..] corresponde a de *sujeito psicológico*, individual, dono de sua vontade e de suas ações. Trata-se de um sujeito visto como um *ego* que constrói uma representação mental e deseja que esta seja “captada” pelo interlocutor da maneira como foi mentalizada. (KOCH, 2003, p. 13-14)

Na segunda concepção de língua, a qual é considerada como instrumento de comunicação, ela se realiza por meio de códigos, sendo possível transmitir ou repassar uma mensagem a um receptor de forma que os dois façam parte do mesmo grupo social e utilizem os mesmos signos de forma convencional e preestabelecida. Dentro desta concepção, o sujeito é visto como “sujeito [..] *assujeitado* pelo sistema, caracterizado por uma espécie de “não consciência”” (KOCH, 2003, p. 14), ou seja, pelo fato de existir esse processo de códigos convencionais que permeiam a comunicação entre o emissor e o receptor, o sujeito aqui é visto como assujeitado, ele não é dono do seu discurso e nem das suas vontades e o discurso proferido por ele é, na verdade, um discurso que foi ouvido e proferido outrora por outro indivíduo.

Assim, chega-se a terceira concepção de língua, na qual ela é vista como uma forma de interação. Dentro desta perspectiva, destaca-se o fato de o indivíduo construir o seu pensamento e o seu próprio discurso tendo em vista sua interação com as demais pessoas, em que ele se torna responsável pela formação da sua consciência e dos seus discursos, diferentemente das

outras concepções que a utilizavam apenas para a expressão do pensamento ou para transmissão de informações. A noção de sujeito é vista, segundo Koch (2003):

[...] como entidade psicossocial, sublinhando-se o *caráter ativo* dos sujeitos na produção mesma do social e da interação e [...] que são atores na atualização das imagens e das representações sem as quais a comunicação não poderia existir. (KOCH, 2003, p. 15)

Ou seja, os falantes não são mais vistos como sujeitos passivos, mas como sujeitos ativos, construtores e detentores sociais dos seus próprios discursos, vontades e ideais a partir do processo de interação que ocorre entre um ou mais falantes.

3.2 Concepção de texto e noção de discurso

É importante o entendimento de que neste tópico será feita uma pequena retomada das fases que foram primordiais para a construção da concepção de texto que se tem atualmente levando em consideração toda a disputa ocorrida entre sujeitos/estudiosos sobre este objeto, e de todo o processo perpassado para se chegar à constituição desta concepção.

A primeira fase dos estudos sobre o texto está dentro do primeiro período de estudos da Linguística Textual, da análise transfrástica e das gramáticas textuais, em que ambos consideravam o texto como uma estrutura pronta e acabada em que o receptor precisaria apenas captar ou decodificar aquilo que o autor do texto teria escrito. Além disso, existiriam sequências lógicas coerentes entre si que construiriam um texto, e sequências incoerentes entre si que constituiriam os não-textos, como afirma Bentes (2007):

[..] acreditava-se que as propriedades definidoras de um texto estariam expressas principalmente na forma de organização do material linguístico. Em outras palavras, existiriam então textos [...] e não-textos [...] (BENTES, 2007, p. 253)

Entende-se, então, que o que era levado em consideração diz respeito aos aspectos formais e materiais que constituíam o texto e quando colocados aleatoriamente dentro do texto não fariam sentido.

Já na segunda fase sobre a concepção de texto, é deixada de lado a ideia de texto como um produto acabado e passa-se à consideração de que ele é, na verdade, um processo, como na terceira fase da LT, em que se formulou a teoria do texto. E dentro deste processo de construção

de um texto ocorrem diversas etapas, principalmente as de produção e de recepção, em que não importa apenas a estrutura ou os aspectos linguísticos dele, mas, também, as atividades globais de comunicação. O texto passa a ser visto como uma atividade verbal e consciente, além disso é, também, um processo interacional, como é afirmado por Bentes (2007):

[..] os falantes ao produzirem um texto, estão praticando ações, atos de fala [..] trata-se de uma atividade intencional, por meio da qual o falante dará a entender os seus propósitos, sempre levando em conta as condições em qual atividade é produzida [..] os interlocutores estão obrigatoriamente e de diversas maneiras, envolvidos nos processos de construção e compreensão de um texto. (BENTES, 2007, p. 254-255)

Nesta concepção, o texto passa a ser entendido como um processo que leva em consideração a interação entre autor-texto-leitor, em que o autor produzirá uma atividade verbal consciente e depositará a sua intenção ou opinião no seu texto, porém o leitor ao recebê-lo irá compreender o que o autor repassou, e, além disso, irá construir novos significados e atribuirá novos sentidos ao texto e, isto se deve ao fato de cada indivíduo fazer parte de um grupo social diferente, com um contexto diferente, com ideologias e crenças divergentes, fazendo com que se insiram novos discursos para este texto. Desse modo, são iniciados os estudos sobre a noção de discurso que está presente nos textos, dentro de outra perspectiva e linha de pesquisa, a chamada: Análise do Discurso (AD).

Segundo Maingueneau (2015), as primeiras pesquisas sobre o tema da Análise do Discurso (AD) foram introduzidas pelo linguista distribucionalista Zellig S. Harris (1909 – 1992), em um artigo intitulado “*Discourse Analysis*”. Nessa perspectiva, o discurso era tido como uma estrutura linguística composta por frases e que considerava a corrente do Estruturalismo como base para os seus estudos. Até aqui, o termo análise do discurso era voltado para a análise da estrutura real do texto. De fato, essa nova linha de pesquisa não foi um projeto unificado e recebeu influência de várias linhas de pesquisas, como: filosofia, linguística, etnografia da comunicação, dentre outras.

O principal lugar de desenvolvimento da AD foi a França, onde ela foi definida pela primeira vez, tendo não só os estudos da corrente estruturalista como base, mas também se apresentando com um propósito teórico e metodológico específico. Assim, há a publicação de mais trabalhos correspondentes a esta área e levando em consideração estes novos conceitos surgidos, nos nomes de Michel Pêcheux e Michel Foucault.

Para cada um deles a AD era vista de uma perspectiva diferente, pois para Pêcheux (1983), ela era considerada dentro dos três pilares que dominavam a intelectualidade da época: o marxismo filosófico, a psicanálise e a linguística estrutural, então, para ele, ela estava dentro de um discurso político e epistemológico, em que a análise se voltava para a revelação das ideologias que os textos possuíam, baseadas no uso da língua. Já para Foucault (1969), ela era considerada dentro da perspectiva do discurso, em que o que era importante eram as práticas e regras que produziam os enunciados e que os davam sentidos, além das correlações que estes enunciados tinham com os outros, e não apenas o uso da língua e sua estrutura.

Desse modo, entende-se que longo foi o processo para que se firmasse um conceito definitivo para a Análise do Discurso, visto que surgiram diversas visões diferentes sobre ela. A partir daí, surgiram novos estudos acerca desta área de pesquisa e que levaram em consideração novos conceitos.

Passado o período de fundação, a análise do discurso francesa vai [...] abrir-se a conceitos advindos das correntes pragmáticas, das teorias da enunciação, da linguística textual para abordar *corpora* diversificados. (MAINGUENEAU, 2015, p. 20)

Ademais, esses novos conceitos acrescentam novos caminhos à Análise do Discurso, que a tornam uma área mais ampla e o seu objeto de estudo passa a ser o discurso, em que nesta nova perspectiva o texto passa a ser um objeto empírico e dialógico, levando em consideração a vivência e experiência do autor e trazendo relações de um texto com os outros, por isso, para AD, ele não pode ser considerado um produto acabado e fechado, pois ele possui relações dialógicas com outros textos e com as condições de produção. Além disso, o discurso é visto além da frase, dentro da sua forma interativa, quando há uma troca com uma segunda ou mais pessoas que compartilham as suas opiniões, vivências e crenças, como afirma Oliveira (2007, p.16): “o discurso é um acontecimento que é ao mesmo tempo sócio-histórico, linguístico e ideológico e o texto é o lugar da materialidade dos sentidos.”

Com isso, diante do que foi supracitado, entende-se que a AD estuda a língua no seu funcionamento, levando em consideração todos os elementos exteriores e interiores a ela. Neste sentido, surgem novos conceitos dentro desta área: o Interdiscurso e o Intradiscurso, que já foram citados superficialmente ao longo da pesquisa, mas que serão retomados e melhor explicados agora.

O interdiscurso é a memória discursiva que o falante já possui, ou seja, é um mecanismo que permite que o falante relacione aquela informação ou discurso que já foi dito por alguém com as informações arquivadas por este mesmo falante, o qual o permite acessar as informações da sua memória e correlacioná-las com o novo dado apresentado, como defendido por Maingueneau (2015):

[..] Para interpretar o menor enunciado, é necessário relacioná-lo, conscientemente ou não, a todos os tipos de outros enunciados sobre os quais ele se apoia de múltiplas maneiras. (MAINGUENEAU, 2015, p. 28)

E o intradiscurso é a formulação de um discurso a partir da realidade presente, em que é responsável por construir o sentido do discurso e considerado como se fosse a materialização do interdiscurso, cujo é responsável por programar o enunciado que venha a ser proferido pelo sujeito quando ocorre a interação.

4 METODOLOGIA

Foi realizado um estudo explicativo, bibliográfico e com abordagem qualitativa. Diante disso, o público-alvo participante desta pesquisa foi os alunos do curso de Letras-Português, da Universidade Federal do Piauí – *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, localizado na cidade de Picos, no estado do Piauí. Dessa forma, os alunos do 1º período e do 9º período foram os principais participantes dela, sendo selecionados 4 alunos do primeiro e 5 do nono, tendo em vista que os alunos do 1º ainda estão se acostumando com a vida acadêmica e, possivelmente, ainda não possuem bem definidas as noções de texto e de discurso, enquanto os alunos do 9º, por já se esperar uma certa maturidade por parte deles em relação a estes conceitos, também colaboraram com informações mais precisas, sendo assim, partes fundamentais da pesquisa.

A pesquisa que foi realizada tratou da formação da competência leitora destes alunos que foram citados e buscou compreender de que forma as noções de texto e de discurso influenciam na sua formação da compreensão leitora. Para isso, tornou-se necessário o estudo de todos os materiais que trouxessem a compreensão do tema e que reforçassem o conceito que foi pesquisado. Começando por uma discussão teórica embasada pelos autores da área de Linguística, que conversassem sobre o tema, e em seguida fundamentando-as nas entrevistas que foram realizadas com os participantes.

Dessa forma, a pesquisa em questão é de cunho bibliográfico, pois como afirma Gonzaga e Toledo (2011, p. 38) “a pesquisa bibliográfica é aquela que se vale de materiais como livros, vídeos, artigos científicos, dissertações ou teses”, e levando em consideração estes aspectos, a pesquisa foi realizada buscando o desenvolvimento do problema utilizando como fundamento alguns destes, como livros, artigos, textos e dentre outros. Importante ressaltar que, além de ser uma pesquisa bibliográfica, possui uma abordagem qualitativa, já que os resultados utilizados não podem ser quantificados apenas refletidos, compreendidos e analisados, seguindo a ideia dos autores Córdova e Silveira (2009, p. 32) os quais defendem que “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com os objetos da realidade que não podem ser quantificados [...]” e, assim, esta contrapõe-se a pesquisa de caráter quantitativo que leva em consideração aspectos numéricos e exatos.

Por fim, a coleta de dados, que nos possibilitou ter o conhecimento das informações necessárias para a realização da pesquisa, foi feita mediante aplicação de questionários aos alunos dos períodos supracitados, por meio da plataforma *Google formulários*, em que foram colocadas perguntas para que os alunos depositassem suas respostas e, assim, compreendêssemos suas noções de texto e discurso e como estas noções implicam na formação da competência leitora deles. A análise aconteceu também pela sistematização das respostas dos formulários dos participantes da pesquisa e foram fundamentadas através da abordagem qualitativa. É importante deixar claro que realizamos um acordo com os alunos participantes a fim de não os identificar, para que eles não se sentissem constrangidos em participar, também visando o respeito aos direitos humanos e, conseqüentemente, a eles.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Anteriormente, recuperamos algumas noções de texto e discurso por meio do estudo sobre as teorias e sobre os diferentes autores que estudam sobre esta temática. A partir de agora, iniciamos a apresentação das perguntas que foram fornecidas aos alunos do curso de Letras, e suas respostas, visto que por meio delas identificamos como está a formação da competência leitora deles. É importante deixar claro que as perguntas feitas foram as mesmas para os alunos dos dois períodos e que, por este motivo, não serão repetidas no subtópico 5.2, pois já estão sendo apresentadas no 5.1, respectivamente.

5.1 Noções de texto e discurso para os alunos do 1º período

Para que fossem obtidas as respostas destes alunos acerca de suas noções, tornou-se necessário, antes de questionamentos mais diretos, entender qual o nível de leitura deles e quais incentivos eles têm sobre a leitura, já que se fosse identificado os fatos de eles não gostarem de ler, não seria possível a realização desta pesquisa, pois eles não entenderiam o que é um texto e, conseqüentemente, o que é um discurso, mesmo que sejam alunos do curso de Letras. Assim, a primeira e a segunda pergunta do formulário foram as seguintes:

1. Você gosta de ler?

2. Quem te incentivou a ler? (sozinho, família, escola, amigos, outros...)

Em relação a primeira pergunta, as respostas dos alunos foram unânimes, todos eles responderam que sim, gostam de ler. Já na segunda pergunta, houve um certo descompasse apenas na maneira em que cada um foi incentivado a ler, pois para alguns, a família foi muito importante na iniciativa desta habilidade, mas para outros não houve um incentivo, apenas aprenderam a ler sozinhos, como nos mostram as respostas, respectivamente:

Aluno 1: Família

Aluno 2: Minha mãe

Aluno 3: Sempre tive um interesse particular na infância, mas minha tia foi muito importante para desenvolvê-lo

Aluno 4: Sozinho

Após estas primeiras perguntas, apenas para que nos situássemos sobre o desenvolvimento da habilidade de leitura deles, que também é muito importante para que o aluno consiga desenvolver sua competência leitora, vamos agora às questões que nos interessam, que é entender qual a visão de texto e discurso carregadas por eles.

3. Para você, o que é texto?

Ao realizarmos esta pergunta aos alunos do primeiro período, um primeiro ponto a ser observado é o fato de os alunos possuírem uma visão um pouco limitada sobre a noção de texto, visto que todas as respostas deles estão voltadas para o texto como sendo um produto pronto e acabado que apenas repassa uma informação, como observamos a seguir:

Aluno 1: Uma construção de ideias que se conectam e repassam alguma informação para o leitor.

Aluno 2: É um conjunto de ideias, explícitas ou implícitas, que, organizadas entre si coerente e coesivamente, montam relações semânticas e, contextualmente, transmitem alguma(s) informação (ões).

Aluno 3: É uma junção de palavras que passa um sentido, uma ideia.

Aluno 4: É a seleção e a conexão de ideias a fim de formar unidades de sentido, ou seja, é a junção ordenada de ideias, as quais funcionem conectadas a um todo.

Conseguimos observar também, nestas primeiras respostas, que além de considerarem o texto como apenas um produto lógico que repassa uma ideia ao leitor, há em uso a segunda concepção de língua, que a considera como instrumento de comunicação, apenas para transmitir uma ideia ou uma informação ao leitor, sendo este mesmo leitor um sujeito passivo capaz apenas de receber a informação que é enviada pelo autor e armazená-la na sua memória. Além disso, também observamos que os alunos utilizaram o verbo “ser”, afirmando mais ainda o seu discurso quanto à noção de texto que possui, como afirma Oliveira (2007, p. 18) “[...] a presença do verbo “ser” revela um discurso de verdade - portanto inquestionável [...]”.

Assim, chegamos ao momento de apresentação da pergunta sobre a noção de discurso, já que estamos pesquisando sobre ele também, vejamos:

4. *O que você entende por discurso dentro da área da Linguística?*

Aluno 1: Entendo que está associado na construção das ideias que a pessoa repassa, as escolhas vocabulares, o tom e a intensidade que ela repassa em cada fala que faz.

Aluno 2: Entendo pouco por agora. Na minha concepção, baseado no pouco a que eu tive acesso, discurso é o enunciado dos falantes. As "frases", por assim dizer, que eles soltam em seu dia a dia, frases essas que são carregadas de ideologias, crenças, cultura e manifestações de fenômenos sociais.

Aluno 3: pouco entendo. Mas acho que seja a análise de como é passado a ideia pensada para construir o texto. Creio que a seja um dos passos para a fórmula de uma produção textual.

Aluno 4: É qualquer situação comunicativa, a qual tem o objetivo de situar a fala em basicamente três campos semânticos: a quem, para quem, sobre o que. Dessa forma, é possível a organização em discurso direto, indireto e indireto livre.

Como vimos na discussão teórica, o discurso está ligado tanto aos textos orais quanto verbais, em que é levado em consideração não só apenas o enunciado do falante, mas todos os aspectos que o envolvem, como as relações de sentidos, ideologias e crenças. Além disso, um discurso proferido por alguém já foi dito por outra pessoa, visto que o texto possui relações dialógicas com outros textos, como afirma Bakhtin (2000) todo texto retoma, explícita ou implicitamente, outros textos, na medida em que se constitui nas relações dialógicas [...]. Assim,

acreditamos que o discurso proferido também utiliza outro discurso internalizado pelo falante para que aconteça.

Com isso, conseguimos observar nas respostas dos alunos uma noção de discurso mais bem definida do que a de texto, pois para os alunos 1, 2 e 4, o discurso é um processo interativo, que leva em consideração tudo o que está externo a ele, a situação comunicativa em que o falante está inserido e o considera dentro da categoria dos textos orais. Além disso, a fala do aluno 3 traz o outro lado do discurso, sendo ele considerado dentro dos textos verbais/escritos em que um discurso se encontra dentro de uma produção textual, e levando em consideração que o texto é a materialidade dos sentidos, conseqüentemente, o discurso está dentro do texto.

Deste modo, depois da análise sobre as noções de texto e discurso destes alunos, foi necessário também investigar a forma de como estava acontecendo o processo de ensino dentro da sala de aula, haja vista que este fator, somado às metodologias dos professores, também podem implicar na formação da competência leitora dos alunos. E, assim, para complementar mais ainda esta análise construímos os seguintes questionamentos:

5. Em relação aos textos da universidade, você compreende com facilidade as informações?

6. E em relação às aulas dos professores, você acha que as metodologias utilizadas são de fácil compreensão? (caso sua resposta seja sim, aponte algumas metodologias que você acha interessante serem trabalhadas e que ajudam na sua compreensão.)

Observando as respostas dos alunos na primeira pergunta feita, pudemos perceber que a grande maioria deles compreende os textos com facilidade apenas às vezes, o que deixa mais importante ainda o fato de entender o porquê disso, por isso que para complementar esta ideia, trouxemos o questionamento de número 6, e obtivemos as seguintes respostas:

Aluno 1: Sim, vejo que eles explicam de uma maneira menos rebuscada com exemplificações e com leitura orante em sala de aula nas exposições de ideias.

Aluno 2: Sim, sem dúvida. Ler o texto antes das aulas me deixa preparado e me faz ficar bem mais participativo. E, quando eu não entendo bem, ou algo fica obscurecido, a fala do professor sana a minha questão, então acho essa metodologia muito útil e boa para mim. Em outras palavras, ler e discutir.

Aluno 3: Sim, a forma de ler e explicar o lido

Aluno 4: Sim, a discussão das ideias centrais antes de adentrar a leitura do texto é um excelente método de abordagem, já que o discente é apresentado ao cerne do ponto abordado. Ademais, os fichamentos também são de extrema relevância, visto que auxilia a sedimentar o que foi abordado no texto.

Tendo em vista as respostas dos alunos, conseguimos observar que todos eles, mesmo não entendendo com facilidade os textos, conseguem entendê-lo a partir do momento em que há a interação entre ele, o professor e o texto, ou seja, conseguimos, de antemão, confirmar que os sujeitos-alunos quando colocados no papel de sujeitos passivos, em que apenas leem o texto e recebem a informação que está lá, não conseguem compreendê-lo por si só e, conseqüentemente, este motivo acaba dificultando a sua competência leitora. Deste modo, fica claro o quanto é importante ter uma definição de texto levando em consideração o seu nível interacional.

5.2 Noções de texto e discurso para os alunos do 9º período

No primeiro momento da análise, buscamos compreender como estão as noções dos alunos dos 1º período a respeito do texto e do discurso. Agora, nesta segunda parte, buscamos apresentar as respostas dos alunos do 9º período, sendo relevante deixar claro que, como foi citado no início, as respostas dadas por eles foram analisadas de acordo com as perguntas apresentadas no tópico 5.1, respectivamente.

De acordo com a primeira pergunta, tendo como objetivo entender também a relação dos alunos com a leitura, e qual o incentivo que eles receberam ao longo de suas vidas para que desenvolvessem esta habilidade, as respostas obtidas foram consideradas importantes, visto que todos os alunos responderam que “sim”, eles gostam de ler, mas já em relação ao modo de incentivo que receberam foi diferente, como podemos perceber nas respostas abaixo:

Aluno 1: Escola

Aluno 2: Minha família. Meus pais sempre liam e compravam livros para mim. Também meus irmãos contribuíram para que eu aprendesse a ler antes de entrar na escola.

Aluno 3: Escola

Aluno 4: Sozinho.

Aluno 5: Sozinho

A partir das respostas acima, observamos que há divergências entre elas, pois cada um teve um incentivo diferente em realizar a leitura, se não foram todos incentivados pela família, como vimos nas respostas do aluno 2, mas pelo menos na escola tiveram algum contato e se aproximaram dela, como nas respostas dos alunos 1 e 3. Já nas respostas dos alunos 4 e 5, observamos que eles nem tiveram incentivo, porém, mesmo assim, sentiram-se próximos dela e desenvolveram a habilidade sozinhos.

Depois de adquirirmos as respostas deles, partimos para o assunto considerado o mais importante para nós, as noções de texto e de discurso que estes alunos possuem, e que nos traz conhecimento acerca de como estas noções podem agregar, positivamente, a vida acadêmica deles. Desse modo, foi feita a terceira pergunta, sobre o que eles entendiam por texto, e obtivemos as seguintes respostas:

Aluno 1: É tudo o que pode transmitir uma mensagem, seja verbal ou não verbal.

Aluno 2: Texto, seja ele falado ou escrito, é uma unidade de linguagem em uso, de qualquer extensão, dotado de unidade comunicativa, semântica e formal.

Aluno 3: Texto para mim é um conjunto de palavras que formam frases, que estão no mesmo contexto havendo coerência e coesão.

Aluno 4: O texto é um lugar de interação, ou seja, é uma atividade interativa muito complexa. Assim, um texto se realiza a partir de elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização; além disso, requer uma vasta mobilização de conjuntos de saberes, como o conhecimento enciclopédico.

Aluno 5: É uma produção, tudo aquilo que pode transmitir uma mensagem, seja ela verbal ou não, constituído por um código, no qual emissor e receptor conseguem se comunicar, dentro de um espaço, tempo, situação, e que leva em conta diversos contextos de produção, entendimento, criação e relações.

Como podemos observar, diferentemente dos alunos do 1º período, temos respostas mais completas e menos limitadas do que seja a unidade linguística do texto para eles. Nestas respostas, o conceito de texto não só ganha uma nova configuração do seu conceito tradicional, mas também os alunos mostram o entendimento de que o texto é, na realidade, um processo e que é necessário que haja a interação para que este mesmo faça sentido, como afirma Beaugrande (1997, p. 10 *apud* MARCUSCHI, 2008, p.72) “o texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas”.

Porém, mesmo que haja um entendimento mais completo acerca desta noção, é importante ressaltar também que existem alunos que não a possuem bem definida, como se observa nas respostas do aluno 1 e do aluno 3, em que podemos perceber que os alunos continuam adotando a concepção de língua como expressão do pensamento e como instrumento de comunicação, no qual o texto é concebido como um transmissor de uma mensagem em que o sujeito, no seu lugar de passivo, irá apenas decodificá-lo e interpretá-lo de acordo com a mensagem que o autor repassou.

Além disso, observamos também que o texto ainda é visto como um produto já pronto e visto de forma estrutural, como na primeira fase da linguística textual, a fase transfrástica, em que o texto era tido como um conjunto de frases e era levado em consideração apenas a sua estrutura e a forma como era criado. E estes motivos, certamente, nos causam estranheza, não

pelo fato dos alunos recorrerem a estes conceitos, pois estas fases e concepções são estudadas ao longo do curso de Letras, mas pelo fato de se limitarem somente a eles, como se não tivessem internalizado as outras teorias que complementam a noção de texto e, ainda mais, por se tratar de alunos concluintes.

Ademais, observamos que os outros alunos (2, 4 e 5) internalizaram os conceitos e realmente apresentam uma noção de texto mais formada, já que levam em consideração a terceira fase de concepção de língua, considerando-a como forma de interação. Além de que, nesta noção, os alunos remetem a segunda e terceira fase da linguística textual, pelo fato de possuírem uma noção de texto vista como uma unidade de sentido que funciona levando em conta os elementos extratextuais, intratextuais linguísticos e, além do mais, a interação entre autor-texto-leitor como ponto principal, assim como afirma a autora Val Maria (1993):

[..] o texto não significa exclusivamente por si mesmo. Seu sentido é construído não só pelo produtor como também pelo receptor, que precisa deter os conhecimentos necessários à sua interpretação. (VAL, 1993, p. 6)

É necessário que haja interação entre texto e o leitor para que ele ganhe sentido. E o leitor deve considerar toda a situação de produção de um texto: os elementos coesivos e de coerência, o contexto, o modo que foi produzido e tudo o que o envolve, para que a partir deste processo ele construa a unidade de sentido do texto, como na resposta do aluno 3, que observamos a inclusão do conceito de texto como uma unidade de sentido, coerente e coeso, o que envolve os aspectos tanto formais quanto semânticos para que o evento textual aconteça.

Vista a noção de texto, passamos para a quarta pergunta do formulário e observamos as respostas dos alunos acerca da noção de discurso:

Aluno 1: Uma situação que irá englobar a comunicação entre locutor, interlocutor e contexto.

Aluno 2: Discurso, de maneira geral, é a língua em sua integridade concreta e viva, uma prática social, que não apenas transmite informações, mas também constrói significados, representa visões de mundo, negocia identidades e estabelece relações de dominação ou resistência.

Aluno 3: Penso que seja tudo que envolve a fala, como é falado, para quem.

Aluno 4: Discurso é toda situação que envolve a comunicação dentro de um determinado contexto e diz respeito a quem fala, para quem se fala e sobre o que se fala.

Aluno 5: É a produção linguística de forma concreta, um conjunto de ideias organizadas, que leva em conta elementos para sua formação.

Observando as respostas dos alunos, entende-se que eles possuem bem definida a noção de discurso, visto que o consideram como uma atividade sociocomunicativa que leva em

consideração todos os elementos que englobam o momento de realização dele, além dos elementos ideológicos, sociais e linguísticos de cada falante ao construir um enunciado. Importante ressaltar também que estas noções de discurso refletem os pressupostos teóricos da Linguística Textual, pois tanto a terceira concepção de língua quanto a terceira fase da linguística social, levam em consideração a interação e para que um discurso aconteça é necessário que haja interação entre duas ou mais pessoas, e que os falantes estejam dentro do mesmo contexto enunciativo, ou seja, leva-se em consideração o intradiscurso e o interdiscurso.

Por fim, para conseguir entender como estes alunos têm trabalhado sua competência e tentar identificar, também, alguma marca utilizada pelo professor que o ajude a sanar estas dúvidas e facilitar a sua competência leitora, foram feitas as duas últimas perguntas do formulário para sabermos se eles entendem com facilidade os textos dos professores e se existe alguma metodologia que o ajude a desenvolvê-la melhor. No que diz respeito a primeira pergunta, eles responderam que somente às vezes eles entendem os textos, e já na segunda pergunta obtivemos as seguintes respostas:

Aluno 1: Acredito que algumas metodologias ajudam, mas outras por estarem desatualizadas não alcançam muitos estudantes, como por exemplo, uma delas é a falta da utilização de slides para a explicação de textos, principalmente, os mais densos.

Aluno 2: Acredito que as metodologias utilizadas são adequadas para o ensino superior, já que a maioria dos professores optam por disponibilizar o material com antecedência para que os alunos leiam, discutam em sala e/ou tirem as suas dúvidas, visto que a compreensão do conteúdo fica comprometida, caso o universitário não saiba nem do que se trata a fala do professor. Então, teoricamente, é uma boa estratégia. Falta, no entanto, nos alunos essa colaboração. Porém, entendo também que a leitura do texto em si feita pelo docente, na íntegra, torna a aula muito cansativa. Como aponto isso, sugiro o uso de, pelo menos, slides contendo apenas os pontos mais importantes do texto em debate, como os alunos fazem em seminários.

Aluno 3: Sim. Acho que seja interessante o aluno ler devagar, ir grifando os pontos que achou importante e fazendo anotações ao lado.

Aluno 4: Sim. Slides sobre o texto (com informações sucintas) ou artigos sobre o mesmo assunto ajudam muito na compreensão de textos mais complexos.

Aluno 5: Depende muito do professor, do texto que está sendo abordado, alguns textos são fáceis de compreender então as metodologias adotadas para explanação como a leitura em casa e a discussão em sala fica algo bem completo, outros por ter um grau de dificuldade maior então acaba por as dúvidas as vezes continuarem mesmo após a leitura e somente a interação em classe.

Por fim, tendo conhecimento das respostas dos alunos, fica entendido que as metodologias dos professores ajudam sim na compreensão do texto e, principalmente, pelo fato da interação, como os alunos 2, 4 e 5 apontam, o fato de que além de serem utilizados os slides, a interação com o professor e a classe ajuda mais ainda no entendimento dos textos e, conseqüentemente, a competência leitora. Além disso, fica claro que o esforço do aluno também

é importante para que ele treine a sua competência e consiga ir desenvolvendo-a pouco a pouco, como defendem os alunos 2 e 3.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista tudo o que foi analisado, vimos, por meio das diferentes teorias abordadas, que existe um vasto campo de estudos sobre as noções de texto e de discurso e que elas são fundamentais para o amadurecimento da competência leitora dos alunos. Assim, nesta pesquisa, ficou claro que houve um grande contraste entre os alunos iniciantes e os alunos concluintes do curso, pelo fato de que os primeiros se colocaram sobre o posicionamento da Linguística estrutural e os demais sobre a Linguística textual.

As ideias de texto que os alunos do 1º período possuem estão correlacionadas apenas com a decodificação da mensagem repassada pelo autor do texto. Além disso, o texto é visto como um produto pronto e acabado, em que no momento que chega até o leitor não deve ser continuado, mas apenas interpretado da maneira que chegou. Com isso, compreendemos que eles possuem uma visão limitada e que reflete muito o ensino que é abordado pelos professores do Ensino Médio e dos outros anos, em que o texto é utilizado apenas como um modelo de Gramática Normativa a ser seguido e cobrado pelo professor para que os alunos aprendam a retirar deles pontos específicos, chegando no Ensino Superior com essa ideia e utilizando-a.

Ademais, ainda sobre os alunos iniciantes, é interessante ressaltar que eles ainda não tiveram contato com as diversas teorias que são estudadas durante o curso e por isso ainda possuem internalizados os conhecimentos trazidos do Ensino Médio. Porém, mesmo que eles reflitam estes discursos, quando foi feita a pergunta sobre as metodologias utilizadas pelos professores, sem perceber, possivelmente, assumiram a postura que aponta os estudos da LT já que os alunos acusaram entender os textos por conta da maneira que os professores os abordam em suas aulas, ou seja, justamente pela interação que acontece entre os alunos, os professores e o texto.

Já os alunos do 9º período, por mais que alguns deles ainda vejam o texto dentro da perspectiva da primeira e segunda fases da concepção de língua, temos as respostas mais abrangentes e menos limitadas sobre esta noção, cuja concepção de texto vinculada ao estudo da linguística estrutural é substituída pelos conceitos defendidos pela LT, que leva em consideração não só os aspectos intralinguísticos, mais também os extralinguísticos ao texto como a interação e os elementos coesivos. Assim, percebemos que há a diferença de

posicionamento entre os alunos, e isso é sem dúvidas um reflexo dos estudos que os alunos tiveram na universidade, pois através das teorias estudadas e abordadas pelos professores, observamos que os discentes perpassam os seus conhecimentos e os utilizam.

Além do mais, as noções de discurso defendidas pelos alunos foram quase as mesmas, pois tantos os alunos iniciantes quanto os alunos concluintes definiram o discurso como um processo que acontece por meio da interação entre os indivíduos e que carrega consigo as características que cada um possui, sua cultura, ideologia, suas crenças, ou seja, aspectos tantos sociais quanto internos de cada um.

Sendo assim, compreendemos que o estudo sobre as noções de texto e discurso é fundamental para que os alunos consigam formar a sua competência leitora, porquanto é através da compreensão destas noções que os alunos realizarão reflexões sobre o que leram, não só decodificando a mensagem presente no texto, mas realizando a sua compreensão como um todo. Além disso, passarão a entender o texto como um processo inacabado, conseguirão construir o seu próprio diálogo através da leitura, preencher as lacunas deixadas pelo autor e ampliar a sua própria enciclopédia, a fim de se tornarem sujeitos críticos e que possuem opinião própria.

Somado a isso, é importante também incluir o ensino e as estratégias utilizadas pelos professores, pois por mais que o sujeito aluno seja o principal responsável pela própria aprendizagem e entendimento dos assuntos, o professor deve ser o seu orientador no caminho que ele irá traçar, cujo deve estar sempre atento à forma como repassa uma explicação, como aborda os assuntos nas suas atividades, entre outras maneiras de ensino, para que assim o aluno consiga compreender tudo o que for a ele proposto e faça do seu Ensino Superior um momento de construção positiva para o seu futuro.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BENTES, Ana Cristina. Linguística textual. *In*: Mussalim, F.; Bentes, A.C. (Org.) **Introdução à linguística. Domínios e fronteiras**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 41 p.

CHAROLLES, Michel. Introdução aos problemas da coerência dos textos. *In*: GALVEZ, C. (Org.) **O texto: leitura e escrita**. Campinas: Pontes, 1989.

CÓRDOVA, Fernanda Peixoto e SILVEIRA, Denise Tolfo. A pesquisa científica. *In*: GERHARDT, Tatiana e SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica -



ão

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- Tese
 Dissertação
 Monografia
 Artigo

e

Eu, Sayonara Maria Abreu Borges,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Nações de texto e de discurso na formação da com-
petência leitora no Ensino Superior.
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 01 de Setembro de 2023

Sayonara Maria Abreu Borges
Assinatura

Sayonara Maria Abreu Borges
Assinatura